

## COMO SE TORNAR UM TRABALHADOR GRÁFICO: A EDUCAÇÃO E A INSTRUÇÃO DO TIPOGRAFO

Teresa Vitória Fernandes Alves<sup>1</sup>

Depois do quatriênio que findou, para ventura nossa, em 15 de Novembro passado, temos para contrapeso a maldita guerra européia que tem dado motivo a toda sorte de explorações por parte dos homens *apatacados* que ainda dominam a Terra de Santa Cruz!

Por mais que parafuse cá na cachola não posso resolver esse intricado problema. Para onde foram as pratas e as emissões da papelada?

E quem vai agüentando com toda essa carga são os operários, que vivem a entreolharem-se submissos como que perguntando: Então nós somos como *o holandês que pagou pelo mal que não fez?*<sup>2</sup>

Passada a euforia da virada do século XIX para o XX e o choque da Primeira Guerra Mundial, o ambiente político, econômico e social de grande parte do planeta tem pouco a ver com as imagens deixadas pelos últimos anos do século XIX.

O efeito dessas transformações no jovem regime republicano contribuiu para acelerar o processo de mudança que já havia se iniciado. A indústria assume um novo papel na cena econômica, antes dominada pela elite agroexportadora. A idéia de progresso traz a europeização das ruas<sup>3</sup>.

A cidade do Rio de Janeiro, entre outras, torna-se um espaço de difusão de idéias vindas da Europa. A idéia corrente era de que a sua aplicabilidade transformaria a sociedade carioca em civilizada. A cidade deixa de ser vista como uma grande “selva” e transformar-se-ia em um espaço “urbano” e civilizado. Para que tal fato ocorra, novas regras são impostas com o objetivo de proteger e conservar a ordem social já existente<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Professora mestra da Universidade Gama Filho e da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Ver, ‘Nickeis e mais Nickeis’, In: *O Graphico*, RJ, 15/02/1916, p. 03.

<sup>3</sup> A europeização antes centrada apenas no ambiente familiar da elite carioca agora se faz presente também nas políticas públicas (escolas, prisões, hospitais, locais de trabalho), que sofrem mudanças radicais baseadas no controle de métodos científicos e do progresso. Vê, entre outros, COSTA, Ângela M. de & SCHWARCZ, Lilia M. *Op. cit.*

<sup>4</sup> RAMA, Angel. *Op. cit.* O autor trabalha a questão da representação da escrita em algumas cidades da América Latina. Ele analisa como um grupo usa a escrita para ordenar as cidades. A cidade letrada, que domina a cidade real passa a exercer a função de ordenar, modernizar e revolucionar os diferentes segmentos sociais que vivem na cidade.

Por outro lado, a noção de civilidade evocava os ideais de educação e cultura, remanescentes do iluminismo. A difusão das letras e o apelo maior a leitura como veículo de comunicação e ascensão social gera a necessidade maior da alfabetização, sobretudo nos meios urbanos, onde os avanços técnicos exigiam uma constante atualização. Em todo esse processo, a educação aparecia como uma das rotas para se chegar a “civilização”, para formar o “cidadão” da República, que nascia com o desejo de ser “democrática” e para colocar o país no patamar de nação desenvolvida<sup>5</sup>. A cada novo governo surgiam mudanças na orientação educacional, ocasionando inúmeras reformas<sup>6</sup>.

No ideário oficial, a educação era apresentada como uma necessidade de ordem pública, já que dela dependeria a prosperidade do país. Sendo assim, era preciso recrutar o povo em direção as escolas e, ao mesmo tempo, estabelecer um sistema educacional público e completo, o que possibilitaria a consolidação do sistema republicano. Nesse momento, iniciava-se um grande movimento nacional, com campanhas públicas veiculadas em jornais e revistas, ganhando a palavra imprensa um status de “verdade absoluta”, consolidando normas e regulamentos.

Só pela educação e pela instrução o homem pôde emancipar-se do jugo da sua própria natureza, isto é, subordinar os instintos e movimentos do seu corpo á direção do seu espírito cada vez mais desenvolvido.<sup>7</sup>

Diante deste quadro, e levando em conta a posição e a “missão” que eles próprios se atribuíam, os tipógrafos tomam para si a responsabilidade de educar os outros. Em seus artigos, anunciavam uma nova fase para a educação, que deveria ser conduzida pelos próprios trabalhadores através dos sindicatos e dos jornais operários.

---

<sup>5</sup> NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU, 1974, p. 261.

<sup>6</sup> *Idem*, o autor termina por separar as reformas, em três momentos bem distintos: o primeiro, vai do início da Primeira República até os 1915 e se caracteriza por um comportamento fatigado dos homens públicos em relação à educação. O segundo momento, que se inicia em 1915, é marcado pelo grande entusiasmo pela educação em todos os setores sociais. Os grandes males sociais baseiam-se na ignorância existente e a educação apresenta-se, ao mesmo tempo, como o problema e a solução de todos os problemas sociais, econômicos e políticos. O terceiro momento se caracteriza pelo otimismo pedagógico, que tem como objetivo a introdução de um sistema escolar baseado em novos modelos educacionais.

<sup>7</sup> Ver, ‘Reflexões’, In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1917, p. 01.

Em todas as corporações, como em todos os núcleos onde se desenvolve a atividade consciente, devemos observar, como primordial incentivo, o desejo de elevar á distinta posição aqueles que são pela própria vontade e natural vocação, um elemento fecundo para o progresso da arte a que se dedicam.<sup>8</sup>

Para eles o grande problema da organização de um movimento operário forte e sólido no Brasil encontrava-se na falta de instrução da maioria dos trabalhadores, deixando claro, que esta ausência de conhecimento levava ao não entendimento dos seus direitos e deveres com relação à sociedade em que viviam.

Pensamos, talvez com alguma razão, que a dificuldade até hoje encontrada para a organização neste país de um sólido movimento operário, reside numa causa exclusiva: a falta de instrução adequada de uma grande parte, a maioria sem duvida dos operários brasileiros. (...)

Referimo-nos a um mal que persegue ao operariado por exclusiva culpa sua: a nenhuma instrução que tem relativamente dos seus direitos e deveres na sociedade da qual ele é parte preponderante, por ser a maioria.

Enquanto que nos outros países o mais humilde trabalhador das minas conhece, além dos códigos da nação, todas as leis e decretos que possam trazer interesse pára a sua existência de produtor, e ainda tudo quanto se refira a outros assuntos que afetem a classes diversas da sua – no Brasil; o homem do trabalho limita-se a conhecer o horário do bonde ou do trem e da barca que lhe convenha, a hora da entrada ou do almoço na oficina, do dia do aniversário do patrão ou do gerente, e nada mais pára a sua existência propriamente dito.<sup>9</sup>

Na opinião de alguns tipógrafos, a emancipação operária só ocorreria quando houvesse uma ampliação do conhecimento teórico e prático do seu trabalho. Mas, para que tal coisa acontecesse se fazia necessário o surgimento de programas criteriosos, escolas e mestres capazes de não apenas ensinar teoria, mas de desenvolver, na prática, o ofício-arte da tipografia.

É um dos grandes deveres que temos a cumprir para o bem de todos; porém elevar uma coletividade do estado de abandono em que jaz é um esforço digno dos maiores elogios, mas não julgueis que seja isto obra de alguns; não, este movimento deve ser obra de cada um que jamais a sociedade realizou um desejo que não fosse com o esforço coletivo dos seus membros. Unidos em volta do mais sagrado dos desejos

---

<sup>8</sup> Ver, 'Coisas da Arte', In: *O Graphico*, RJ, 15/03/1916, p. 01.

<sup>9</sup> Ver, 'Modos de Ver', In: *O Graphico*, RJ, 15/01/1916, p. 01.

com uma vontade inflexível, veremos através das nuvens do nosso jugo, a figura austera da Liberdade.

Associemo-nos e fundemos a escola, que nos levará infalivelmente aos cumes da Emancipação.<sup>10</sup>

O desejo da criação das escolas profissionalizantes passou a ser expresso constantemente em artigos e editoriais. Muitas das vezes, eles colocavam que, para a arte tipográfica continuar a existir, seria preciso criar programas, escolas e mestres especializados. Essa escola seria um local de aperfeiçoamento, onde os gráficos pudessem expandir seus conhecimentos, além de ser um espaço onde os aprendizes desenvolvessem o gosto pela arte. Elas não transmitiriam apenas o conhecimento técnico, mas seriam “*uma escola na extensão da palavra, - com o seu programa de ensino dividido e sabiamente aplicado, quer na parte teórica, quer na pratica*”.<sup>11</sup>

“A Escola Profissional” foi descrita num dos editoriais do jornal a partir dos modelos trazidos da Europa<sup>12</sup>. O redator, o tipógrafo Gallianus Eary, apresenta uma explanação acerca dos centros de aprendizagem das artes e ofícios e o desenvolvimento da educação técnica e profissionalizante, terminando por afirmar a necessidade da criação de tal escola como vital para o crescimento geral dos gráficos.

O objetivo central da escola profissionalizante era o aperfeiçoamento da capacidade do gráfico e também dos seus filhos, preparando esses profissionais não para serem simples manuseadores de tipos e teclados<sup>13</sup>, sim trabalhadores especializados. Essa visão, difundida pela Associação Gráfica, coloca o trabalhador gráfico numa situação especial, que não se subjugaria aos serviços extras não remunerados e aos baixos ordenados impostos pelos donos de tipografias.

---

<sup>10</sup> *Idem.*

<sup>11</sup> Ver, ‘A Escola Profissional’, In: *O Graphico*, RJ, 15/01/1916, p. 02.

<sup>12</sup> O engenheiro J. Suderitz, tendo sido enviado à Europa com o objetivo de conhecer inúmeras escolas ligadas à arte mecânica para posteriormente desenvolver um programa de semelhante no Brasil apresentou o seu relato à sua instituição, a Escola de Engenharia de Porto Alegre. É com base neste relato que o artigo foi descrito. ‘A Escola Profissional’, In: *O Graphico*, RJ, 15/01/1916, p. 02

<sup>13</sup> Em uma nota publicada no dia 15 de fevereiro de 1916, o jornal *O Graphico*, exemplifica a todos os gráficos o quanto a educação pode elevar o trabalhador. Diz a nota: “Do nosso ex-collega, hoje cirurgião- dentista, Candido Lobo Junior, recebeu a Directoria da Associação Gráfica delicada oferta dos seus serviços profissionais para os associados e pessoas de suas famílias, no seu consultório á rua Sachet, n. 11, 1º andar”. ‘Associação Gráfica do Rio de Janeiro’, In: *O Graphico*, RJ, 15/02/1916, p. 02.

O importante para o mundo dos gráficos e para a sua própria continuidade era o investimento no trabalho do aprendiz, ou seja, do trabalho do menor, que na visão dos mais velhos seria a alavanca para o progresso da arte. Inúmeras vezes os artigos deixam claro a procura das oficinas tipográficas por meninos pobres e sem formação, unicamente interessados em engrossarem a renda familiar.

Em diversos artigos são apresentados casos de aprendizes que chegavam as tipografias sem vontade de trabalhar, já que, sob a pressão paterna abandonavam a escola para ganhar um pequeno salário. Com isso a instrução, algo essencial e imprescindível para estes jovens, ficava prejudicada.

Devassando o interior de certas tipografias, já trabalhando acidentalmente, já como graphico, nós vemos, com profunda desolação, o que se passa em relação aos aprendizes.

Encontramos petizes sem vontade... outros, que em vez da escola, tiveram a pressão paterna para ganhar minguados tostões.

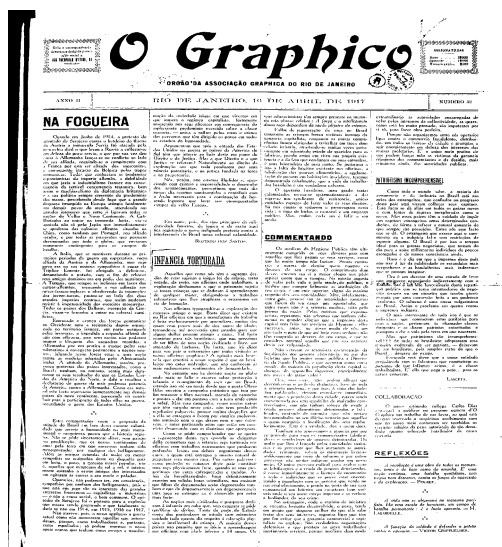
A sorte desses infelizes aprendizes merece ser melhorada.

Os nossos Estatutos dizem claramente que é imprescindível a instrução, ainda que elementar, para o aprendiz tornar-se, em futuro, um oficial perfeito.<sup>14</sup>

A maioria desses meninos entrava nas tipográficas com a idade de dez (10) anos, sendo portadores de desnutrição e péssimas condições de saúde, decorrentes da miséria e da fome. O trabalho exaustivo, carregando maços e resmas de papel constantemente por toda a oficina, a falta de alimentação e a baixa remuneração contribuía para o clima degradante do trabalho infantil nos meios gráficos. No artigo “Infância Torturada”, a disparidade entre as condições necessárias para o exercício da profissão e as limitações impostas pelas idades dos aprendizes fica bem clara:

---

<sup>14</sup> Ver, ‘Coisas da Arte’, In: *O Graphico*, RJ, 15/03/1916, p. 01.



Nas oficinas tipográficas a exploração dos menores atinge o auge. Basta dizer que existem no Rio oficinas em que a manufatura do trabalho é feita exclusivamente por aprendizes, muitos dos quais com pouco mais de dez anos de idade, tornando-se até necessária uma peanha para que alguns deles possam atingir a caixa.<sup>15</sup>

*Jornal "O Graphico" do dia 16 de abril de 1917.*

Os acidentes eram comuns, e nem sempre correspondiam a uma atuação responsável por parte dos patrões. O relato acerca da ajuda dada pelos patrões a um menor acidentado quando derretia cola para a encadernação<sup>16</sup>, está presente num artigo como um exemplo a ser seguido pelos demais donos de tipografias. O gesto do patrão mereceu destaque, servindo de exemplo a outros donos de tipografias.

(...) providenciado para que o menor fosse socorrido na farmácia Silva Araújo, e após ligeiros curativos, de onde á vista da gravidade das queimaduras, foi conduzido para a Assistência, que socorreu a vítima, recolhendo-a á sua residência.

Mais tarde foi mandado pela empresa um empregado á casa do menor, afim de, em nome da firma proprietária da oficina, oferecer um quarto particular no hospital da Santa Casa e mais auxílios que fossem necessários; sendo, porém, recusado pela família de enfermo. Ainda em nome da firma Alexandre Ribeiro & C, foi dito que toda despesa com medico, farmácia, etc., seria por conta da casa, recebendo ainda o dito menor os seus ordenados integralmente.

Este gesto nobre e generoso, porém raro, deve ser imitado pelos industriais gráficos, quando em idênticas circunstâncias, pois o mesmo não tem somente o seu alcance caridoso, e sim também serve de estímulo pessoal.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Ver, 'Infancia Torturada', In: *O Graphico*, RJ, 16/04/1917, p. 01.

<sup>16</sup> O menor Waldemar Soares sofreu queimaduras de terceiro grau ao derreter cola em um fogão a gás na Papelaria Alexandre Ribeiro & Cia. 'Exemplo a ser imitado', In: *O Graphico*, RJ, 01/03/1916, p. 01.

<sup>17</sup> *Idem*.

No entanto, para a maioria dos chefes das oficinas esses aprendizes eram vistos como inúteis e dispensáveis. Às vezes, eram usados para o expediente interno, longe do trabalho especializado, sendo obrigados a serviços dos mais variados, como varrer as oficinas ou entregar encomendas nas ruas. E, quando os aprendizes não realizavam as suas tarefas como os chefes das oficinas ordenavam, sofriam punições físicas.

Ainda um dia desta quinzena, por exemplo, um chefe de pautaço de importante casa, apanhando dois aprendizes brincando, no momento em que um empurrava o outro de encontro a uma máquina, deu, num destes, uma valente bofetada, fazendo-lhe inchar o rosto. O fato tem indignado a todos, chegou ao conhecimento do gerente, que admoestou severamente o chefe citado.<sup>18</sup>

Por outro lado, os gráficos mais velhos sentiam-se prejudicados pelo trabalho dos aprendizes, já que os patrões transformavam esses meninos em oficiais tipográficos para pagarem um salário bem mais baixo. Na visão dos tipógrafos mais experientes isso não só causava um dano no seu orçamento, como também desqualificava a profissão. O aprendiz passou a ser visto como uma ameaça em potencial.

(...) uma vez o aprendiz apto a trabalhar regularmente, o industrial tratará de se utilizar das suas aptidões, jogando na rua o oficial, porque aquele lhe fica mais barato.<sup>19</sup>

Porém, tal temor não correspondia sempre à realidade. A solidariedade demonstrada por um grupo de aprendizes para com os colegas despedidos foi apontada num artigo como um exemplo que desmentia o temor demonstrado por alguns dos trabalhadores mais experientes<sup>20</sup>.

Esse belo gesto de camaradagem dos pequenos que até então eram explorados pela ganância de um indivíduo que parece não saber o que são crianças, só pode merecer o nosso maior aplauso e, mais do que isso, o nosso incitamento, por vermos que esses coleginhas já representam o gráfico do futuro, insubmisso e revoltado contra explorações e espoliações de patrões que já não são para os tempos modernos.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> Ver, 'Educação Operária', In: *O Gráfico*, RJ, 01/07/1916, p. 01.

<sup>19</sup> Ver, 'O Aprendizado', In: *O Gráfico*, RJ, 01/06/1916, p. 03.

<sup>20</sup> A referência foi baseada no ato de um grupo de aprendizes de compositor da *Gazeta Suburbana*, que vestiram seus paletós e abandonaram a oficina em solidariedade a um colega despedido; 'Modos de Ver', In: *O Gráfico*, RJ, 15/03/1916, p. 01.

<sup>21</sup> *Idem*.

A questão da entrada ou não do aprendiz na oficina tipográfica passava por um único ponto: a desvalorização desse jovem, que por isso não abraça com amor e dedicação o trabalho de tipógrafo. Mas, isto não seria tão grave quanto admitir na tipografia um aprendiz sem instrução. A solução para esses problemas estaria na valorização do trabalho dos menores, tornando-os artistas instruídos que, no futuro, teriam orgulho da sua profissão arte. Por isso idéia da escola profissionalizante ser tão difundida nos artigos escritos pelos gráficos, como também a criação de centro de estudos e bibliotecas sociais<sup>22</sup>, que facilitassem a educação, e estimulassem, via leitura, a união e a liberdade dos operários.

O tipógrafo, principalmente, é um oficial que deve ter um cultivo aprimorado, uma inteligência bem educada e um bom gosto para o trabalho, porque ele lida com um ofício que requer todos esses requisitos, ofício, por todos os títulos, artístico e literário.

Mas, devido á falta da escola a exploração é fatal. Devido ao excesso de trabalho, os tenros órgãos dessas crianças se desgastam e a sua vida, tão digna de cuidados, periga entre os abismos da ignorância e da enfermidade.<sup>23</sup>

A solução para a qualificação desse menor, também poderia passar pelo apoio dos próprios donos das tipografias ao aprimoramento dos seus aprendizes, sendo que muito poderiam lucrar com este “investimento”. Por outro lado, para um grupo de gráficos, o auxílio prestado e a solidariedade dos antigos gráficos para com o grupo de aprendizes poderiam facilitar o apoio deste contingente de trabalhadores nos momentos de confronto entre patrões e empregados.

[...] apelando desde já para os sentimentos de humanidade, não só dos chefes de oficina, de quem depende mais diretamente o ensino do aprendizado, como para os colegas em geral, que muito poderão contribuir também para o desenvolvimento profissional desses infelizes, porque, estou certo, - na hora em que o industrial tirar partido de suas aptidões em prejuízo do oficial – seu amigo e mestre – ele, o aprendiz, saberá, em sinal de reconhecimento, senão repudiar a usurpação que lhe é

---

<sup>22</sup> Por várias vezes os editores do jornal expõem as doações de obras como: Lucrecia Borgia, Sindicalismo e greve geral, Sociologia, O amor através dos tempos, entre outras, para a biblioteca da Associação. ‘Bibliotheca’, In: *O Graphico*, RJ, 01/02/1917, p. 02.

<sup>23</sup> Ver, ‘O Aprendizado’, In: *O Graphico*, RJ, 16/08/1918, p. 01.

feita, pelo menos exigir o mesmo ordenado do colega sacrificado, uma vez que o vai substituir.<sup>24</sup>

Por fim, na revista *Artes Graphics*, dirigida por Diocleciano Taveira, apresentada “*como um reflexo da existência da Associação*”<sup>25</sup>, o problema da educação também aparece como uma responsabilidade a ser tratada pela organização:

Um deles consiste na Escola Profissional e na instrução geral, matando o cancro do analfabetismo que tem posto abaixo as mais úteis iniciativas.

Combater a ignorância, expurgando-a do meio gráfico, é nosso primordial dever e não devemos descansar enquanto não atingirmos esse resultado. Tudo depende do poder da vontade. O programa da Associação Gráfica é vasto e não é impraticável: e da sua execução exata depende o nosso futuro, os nossos melhores dias.<sup>26</sup>

Como resultado do esforço constante da Associação Gráfica, denunciando nos seus periódicos a exploração do aprendiz, assim como a implementação das oito (8) horas de trabalho temos a apresentação da legislação do trabalho infantil, em 11 de agosto de 1917, como uma de suas vitórias.

Para conhecimento da classe, resolvemos publicar a lei que regula o trabalho dos menores de 14 a 18 anos, nas oficinas, fabricas e demais estabelecimentos no dia 25 de agosto p.p.

Chamamos, pois, a atenção dos nossos colegas para o que diz a lei que na integra publicamos, pois que a sua perfeita execução depende: em grande parte, senão por completo, da rigorosa vigilância por nós exercida dentro das oficinas. Qualquer infração feita á lei deve ser imediatamente comunicada á diretoria da Associação, para esta agir junto dos poderes complementares.<sup>27</sup>

Mas, as lutas pela melhoria das condições de aprimoramento e trabalho dos gráficos não esgotavam a busca da valorização da profissão e a sua apresentação como um ofício especializado e único. Com o objetivo de divulgar e assegurar a tradição da sua arte, os editores do jornal *O GRAPHICO* juntamente com a direção da Associação

---

<sup>24</sup> Ver, ‘O Aprendizado’, In: *O Graphico*, RJ, 01/06/1916, p. 03.

<sup>25</sup> Ver, ‘Echos’, In: *O Graphico*, RJ, 15/10/1916, p. 02.

<sup>26</sup> *Idem*.

<sup>27</sup> Ver, ‘O Trabalho dos Menores’, In: *O Graphico*, RJ, 01/09/1917, p. 02.

Gráfica resolveram realizar uma exposição de trabalhos tipográficos. Em uma assembléia, foi tirada uma comissão para divulgar o evento que tinha o cunho meramente artístico.

O exemplo a ser seguido seria a exposição feita pela Imprensa Nacional de Lisboa, em 1913, onde foram expostos trabalhos feitos em diversas tipografias da capital, além de trabalhos antigos e outros de procedência estrangeira. Contudo, a falta de coerência nas reuniões da comissão do evento e a desunião entre os membros da categoria fizeram com que a Primeira Exposição Tipográfica fracassasse.

Mais uma vez ficou patentemente provado que, com a falta de coerência de muitos membros associados, não conseguiremos nunca a realização dos princípios básicos de ordem, porque esmagam todas as iniciativas com o fito único do lucro financeiro, muito embora, na maioria das vezes, estes lucros possam trazer graves ocorrências á classe e sérios desgostos aos membros da “Comissão da Exposição Gráfica” anteviam na sua realização uma fonte de lucros, que felizmente perderam a sua significação, para o renome da Associação Gráfica do Rio de Janeiro.<sup>28</sup>

Ao priorizar a questão financeira em relação à divulgação da arte e da instrução dos tipógrafos, a Comissão do evento trouxe graves desavenças e desgostos entre os membros da categoria.

Em 1917, a idéia de uma grande exposição que divulgasse o trabalho dos artistas gráficos foi retomada, desta vez, como um símbolo da sua emancipação através da transformação do local do labor, da sua luta pela melhoria nas condições de trabalho e da valorização da Associação Gráfica. O convite à participação estendeu-se a todas as categorias de trabalhadores gráficos, onde a idéia da valorização do ofício-arte foi muito bem recebida.

*Jornal “O Graphico” de 16 de janeiro de 1918.*



<sup>28</sup> Ver, ‘O Fracasso da Exposição’, In: *O Graphico*, RJ, 15/06/1916, p. 01.

E, fora de dúvida, e ninguém melhor que nós gráficos poderá saber, que o levantamento artístico de uma arte depende exclusivamente daqueles que a professam e abraçam, porque somos nós, operários, que lhes dedicamos amor e que mais a adoramos, muito embora dela não possamos tirar os proventos equitativos ao nosso esforço, devido à nossa eterna situação de explorados, cujo esforço reverte, injustamente, em benefício de outros.<sup>29</sup>

Foi criada uma comissão da exposição, que dividiu a apresentação dos trabalhos em três (3) categorias: sessão de desenhos e litografia, sessão tipográfica e sessão de encadernação. Alguns dias depois, saiu uma lista com os trabalhos classificados por categoria e as premiações<sup>30</sup>.

Assim sendo, a exposição foi o veículo de divulgação do trabalho gráfico especializado, cada vez mais ameaçado pelo avanço tecnológico que se adivinhava para os anos seguintes.

## Bibliografia

ABREU, Martha & SOIHET, Rachel. *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2ª ed. Revista, 2002.

BARBOSA, Marialva. “Operários do pensamento” (*visões de mundo dos tipógrafos no Rio de Janeiro 1880-(1920)*). Niterói, RJ: ICHF \_ UFF, 1991.

BATALHA, Cláudio H. de M. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BATALHA, Cláudio H. de M, SILVA, F.T. & FORTE, Alexandre. *Culturas de classe: Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, PETER (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. USP, 1992.

CARDOSO, Ciro & VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

---

<sup>29</sup> Ver, ‘Exposição Graphica’, In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1918, p. 01.

<sup>30</sup> Ver, ‘Classificação dos Trabalhos’, In: *O Graphico*, RJ, 16/01/1918, p. 02.

- CARVALHO, Carlos H. *República e imprensa. : as influências do positivismo na concepção de educação do professor Honório Guimarães*. Uberlândia: Edufu, 2004.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CERTEAU, M. DE. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar & botequim: cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- COSTA, Angela M. & SCHWARCZ, Lilia M. *1890-1914. No tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COSTA, Caio Túlio. *O que é anarquismo*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *Na cidade, sobre a cidade: cultura letrada, periodismo e vida urbana. São Paulo: 1890/1915*. São Paulo: USP, tese de doutorado, 1994.
- FAUSTO Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de A. N. *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Maria N. *A imprensa operária no Brasil – 1880-1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, Ângela Maria de C. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice: editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, 1988.
- THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988.